

Dívidas são causa de queda das ações da Casas Bahia

Dívida derrete o valor de mercado da Casas Bahia

De julho de 2020 a setembro deste ano, preço da ação da empresa na Bolsa caiu 96%; passivo é de R\$ 3,7 bi

A crise que a Casas Bahia enfrenta também se reflete nas ações da empresa na Bolsa de Valores. Entre junho de 2020 e agora, a queda no valor dos papéis negociados na B3 é de 96% – caiu de R\$ 23 para R\$ 0,96. A companhia tem tentado recuperar sua credibili-

de no mercado, sendo que o primeiro passo foi abandonar a marca Via e retomar o nome que consagrou a varejista, com sede em São Caetano. Porém, conforme especialistas ouvidos pelo Diário, a dívida estimada em R\$ 3,7 bilhões vem correndo os planos da

companhia. "Há uma dívida dos credores com relação ao grau de endividamento do grupo e a capacidade de reduzir esse passivo para melhorar a capacidade operacional", avalia o economista Sandro Maskio. Já assessor de investimentos da WIT Invest Rod-

ney Ribeiro lembra da renúncia do vice-presidente comercial e de operações Abel Ornelas Vieira, na quarta-feira. "Quando o vice da área comercial pede para sair, ou saíram com ele ou o mercado não está respondendo como se deseja." *Economia 5*

Dívidas são causa de queda das ações da Casas Bahia

Endividamento, que supera R\$ 3,7 bilhões, gera desconfiança dos investidores e os papéis da varejista 'derretem'

NILTON VALENTIM
niltonvalentim@dgabc.com.br

Viu-se rotina a sequência de quedas de valor das ações da Casas Bahia. Desde o dia 12 de setembro, quando a empresa anunciou que deixaria de se chamar Via para retomar a antiga denominação e que focaria no comércio de móveis, eletrodomésticos e eletrônicos, além da desastrosa estratégia de ofertar de papéis no mercado para se capitalizar – esperava obter R\$ 1 bilhão e chegou a R\$ 622 milhões –, o que se viu foi uma sucessão de resultados negativos. Especialistas apontam o endividamento do grupo, estimado em R\$ 3,7 bilhões, como um dos fatores para este encolhimento. Ontem, apesar da isolada alta de 6,78%, cada ação do grupo varejista fechou o dia valendo R\$ 0,63 na bolsa de valores. Em junho de 2020,



SINAIS DE CRISE. Dívida elevada e renúncia de vice-presidente agravam a situação da Casas Bahia

chegou a R\$ 23.

"Há uma dívida dos credores com relação ao grau de endividamento do grupo e a capacidade de reduzir esse

passivo para melhorar a capacidade operacional", aponta o economista Sandro Maskio. Acontecimentos dos últi-

mos dias também não foram bem recebidos pelo mercado. Rodney Ribeiro, economista e assessor de investimentos da WIT Invest, cita a

saída do vice-presidente comercial e de operações Abel Ornelas Vieira, ocorrido na quarta-feira. "Quando o vice da área comercial pede para sair, ou saem com ele, é porque o setor não está respondendo como se deseja".

O especialista destaca uma série de acontecimentos que impactaram a Casas Bahia nos últimos tempos. "Em 2017, cada ação (de então Via) custava na média R\$ 3,62, que era o preço de mercado, mas entrou o processo da pandemia e houve um boom, uma explosão gigantesca. Em julho de 2020, chegou a quase R\$ 23. Na comparação com os R\$ 0,63 de hoje (ontem), ocorreu uma queda de 96%", destaca Ribeiro.

Segundo o especialista, o setor do varejo é o que mais vem sofrendo no pós-Covid. "Durante a pandemia houve uma redução gigante da ta-

xa de juros, uma cultura compradora muito grande via on line, e as empresas investiram muito acreditando que continuaria assim quando voltasse ao normal", mas a resposta não veio a contento. Para equalizar as contas, foi necessário subir taxa de juros e segurar a inflação. Tudo isso começou a trazer turbulência no setor de varejo e a Casas Bahia é uma que vem sofrendo muito".

Sandro Maskio aponta outras questões que tiveram impacto direto no faturamento do setor varejista. "O alto grau de endividamento das famílias, o comprometimento da renda com a parcela para pagamento de dívidas já realizadas, que impede o acesso a compras via crédito, dificulta muito, pois a maior parte das vendas está ligada ao crédito. Há incerteza sobre a questão da taxa de juros, se vai cair ou não, e o quanto tem de espaço para a redução dessa taxa de juros", afirma.

Outro ponto que o economista destaca é a possibilidade de o fim da compra parcelada sem juros com cartão de crédito. "Muito embora não exista financiamento sem juros, pois a taxa já está embutida no preço do produto que é parcelado, o consumidor se acostumou a essa modalidade", explica.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Economia Pagina: Capa + página 05